

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

O. Mendes (2002) **Homero. Odisséia**, São Paulo: Martin Claret.

Autores Modernos

J. M. Castro (1990) **Kitto, Os Gregos**, Coimbra: Armênio Amado, pg. 323-338.

W. F. Grizoste (2015). **Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada Brasileira. Uma Encida Brasileira?** Saarbrucken: Nova Edições Acadêmicas.

M. F. Kruger (2011), **Amazônia: mito e literatura**. 3ª edição. Manaus: Editora Valer.

T. Lopes (1997) **Commelin, Nova mitologia grega e romana**, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

A. M. Parreira (2001) **Jaeger, A formação do homem grego**, São Paulo: Martins Fontes, pg. 21-83.

Y. Yamã (2012) **Contos da Floresta**. São Paulo: Peirópolis.



ICAMIABAS-A PROLE DE PENTESILEIA

Alexandre Lira Sá [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: Neste artigo, de natureza qualitativa, faz-se um estudo referente às relações mitológicas das Icamíabas para com as Amazonas guerreiras da Antiguidade Clássica quando, segundo relatos, formaram um grupo de mulheres arqueiras e independentes longe do domínio patriarcal. No caso das Icamíabas, por volta do século XVI, ouviam-se relatos de destemidas índias guerreiras que habitavam comunidades em regiões de difícil acesso; e que também eram mulheres independentes, bastante parecidas com as Amazonas gregas como bem comparou o explorador espanhol Francisco de Orellana, ao realizar sua expedição pela América do Sul. Tem-se como objetivo ressaltar os legados da cultura greco-romana à cultura brasileira, especialmente os que são manifestados em solo parintinense. Os dados apresentados e discutidos no presente trabalho são resultados de uma pesquisa bibliográfica conforme aponta a trajetória histórica das mulheres guerreiras. Com base nisso, são expostas as análises feitas por Sampaio (1974), Kury (2008), Commelin (2011), entre outros autores que retratam a temática apresentada.

Palavras-chave: Amazonas. Icamíabas. Pentesileia. Camila. Expedicionários.

INTRODUÇÃO

Através do estudo da mitologia passamos a refletir e a compreender as relações humanas; nesse estudo são analisadas as ligações que permeiam as histórias de deuses e heróis representados nas tradições culturais e religiosas de diversos povos. A mitologia greco-romana, por sua vez, tem sido a principal referência para refletirmos e compreendermos essas manifestações. Nesse propósito, ressaltamos a diversidade cultural amazônica e os legados deixados em solo parintinense. Essa estreita relação de manifestações culturais tem servido de base para algumas pesquisas, inclusive para esta, com o intuito de enfatizar as identidades ancestrais de um determinado povo, isto é, identificar suas raízes culturais e sociais.

Mitos e lendas surgem como histórias que procuram explicar os momentos primordiais da vida como também as relações entre os seres humanos. Muitos dos personagens mitológicos ou lendários possuem caracteres divinos, manifestados em ações sobrenaturais inimagináveis; como também há personagens de natureza humana que lhes são atribuídos valores heroicos, manifestados em atos corajosos nas grandes batalhas a que foram submetidos, vale destacar heróis como Hércules e Aquiles e heroínas como Pentésiléia e Camila.

É nessa perspectiva de grandes heróis, ou melhor, de heroínas que esta pesquisa tem fundamento: trata-se, portanto, das Icamiabas e das Amazonas da Antiguidade, as mulheres guerreiras. Quando o espanhol Francisco de Orellana realizava sua expedição por um desconhecido e grandioso rio, o qual hoje conhecemos por Amazonas em virtude desse acontecimento, ele se deparou com as avassaladoras índias guerreiras e, de imediato, fora feita a associação com as famosas Amazonas gregas conforme destacam os relatos do cronista dessa expedição, Frei Gaspar de Carvajal. As mulheres guerreiras de Homero e Virgílio assim como as Icamiabas, destacam-se igualmente em aspectos que partem da feminilidade até as grandes atuações nas batalhas contra os inimigos do sexo oposto.

Nesse propósito, vamos analisar a historicidade e a trajetória heroica dessas formidáveis personagens e, sobretudo, apontar suas principais características e ideologias de vida. A primeira parte da pesquisa é voltada somente aos estudos das Amazonas da Antiguidade, pois foram as primeiras a guerrear contra uma multidão

de homens tomados pelo poder; no segundo momento, será possível perceber as influências culturais manifestadas em Parintins, a partir das análises incutidas no retrato das mulheres dominadoras das matas, as Icamiabas. Desse modo, não seria possível retratar a história das Icamiabas sem se deslocar ao universo da rainha Pentesileia e de todo seu exército de mulheres guerreiras.

AS AMAZONAS DA ANTIGUIDADE

Conforme Sampaio (1974, p. 187), *a existência das mulheres guerreiras, amazonas, é um legado dos gregos da mais alta antiguidade*. Falava-se nessas temíveis guerreiras por volta do século VIII. Em uma época onde reinava o patriarcado e o poder absoluto dos homens, um conjunto de mulheres, ao que tudo indica, não concordando com tamanha desigualdade e subordinação, formaram uma sociedade habitada apenas por mulheres e passaram a viver segundo os seus próprios costumes e suas próprias regras. De acordo com os estudos de Kury (2008), as amazonas descendiam de Ares, o deus da guerra, e da ninfa Harmonia. As suas dominações centravam-se ao norte da Europa, conforme as fontes localizavam-se variavelmente na Trácia, nos contrafortes do Cáucaso ou na Cítia meridional (na margem esquerda do atual Danúbio). As dominações territoriais das amazonas eram em regiões mais isoladas distantes dos regimes patriarcais. Uma vez independentes, as mulheres guerreiras mantinham uma estrutura social singular para a sobrevivência e organização do grupo nas guerras. Commelin (2011, p. 220), além de retratar o projeto de vida das amazonas, procura priorizar a preocupação estética dessas mulheres:

Essas mulheres guerreiras viviam só dos saques e dos produtos de sua caça. Vestiam-se de peles de animais selvagens; sua roupa, presa ao ombro esquerdo e caindo até o joelho, deixava descoberto toda a parte direita do corpo. Seu armamento se compunha de um arco, de uma aljava guarnecida de flechas ou dardos, e de um machado. Seu escudo tinha a forma de um crescente e cerca de um pé e meio de diâmetro. Na guerra, sua rainha usava um corpete formado de pequenas escamas de ferro, preso com um cinto; todas tinham um capacete ornado de plumas, mais ou menos brilhantes, insígnias

de sua posição hierárquica ou de sua dignidade. Estavam com frequência a cavalo, mas também combatiam a pé.

Com sentido exclusivamente feminista, cada uma dessas guerreiras seguia à risca a regra de não manter qualquer relação amorosa com o sexo oposto, exceto quando fosse decretado a visita de alguns desses homens. Por isso, uma vez por ano, recebiam as ilustres visitas dos aventureiros com o intuito da reprodução. Segundo contam os historiadores, após a reprodução, as Amazonas cuidavam apenas das meninas; os meninos, ao contrário, tinham o destino traçado pela própria sorte ou até mesmo pela morte, isto é, quando eram impiedosamente sacrificados. Enquanto crianças, as meninas já eram preparadas para se tornarem grandes Amazonas: aprendiam a usar as ferramentas de guerra, a montar a cavalo e, sobretudo, seguir as ideologias impostas pelo grupo. Tais relatos afirmavam que *as Amazonas removiam um dos seios das meninas para facilitar o uso do arco e da lança pelas mesmas* (KURY, 2008, p. 27) e, segundo consta nas análises de Sampaio (1974, p. 195), *a operação era feita quando as meninas alcançavam oito anos de idade, quando era mergulhado um metal aquecido na carne do peito direito. O seio cresceria então, mas atrofiado e insensível, o que facilitaria o manejo do arco*. Desse modo, estariam super dispostas a viverem os desafios de uma verdadeira Amazona guerreira. Tal acontecimento se revela na origem do nome “Amazonas”, do grego “amazón” que quer dizer “sem seio”.

Poetas como Homero e Virgílio várias vezes mencionaram e destacaram ilustres personagens femininas, mulheres guerreiras que se tornaram imortais na memória mundial. Dentre as mais célebres figuras femininas está Pentesileia, considerada a rainha de um exército de mulheres guerreiras. A rainha das Amazonas é quem comandava e seguia a frente de toda a tropa durante as batalhas, intimidando os inimigos com toda a valentia e bravura de uma nobre guerreira. Uma das passagens mais emblemáticas de Pentesileia foi na Guerra de Tróia quando foi convidada a lutar ao lado de Príamo contra os gregos. O rei de Tróia convocara diversos guerreiros para essa batalha épica narrada exclusivamente por Homero na *Odisseia*. A rainha das Amazonas, portanto, impressiona ao chegar ao território troiano à frente de um contingente de mulheres guerreiras pronto para o combate:

Todas as autoridades afirmam sua bravura e o terrível

efeito do seu grito de guerra. Pentesileia matou muitos dos mais bravos guerreiros, mas afinal foi morta por Aquiles. Quando, porém, o herói se debruçou sobre o cadáver da inimiga e contemplou sua beleza e mocidade, lamentou amargamente a vitória (BULFINCH, 2015, p. 221).

Durante a guerra, a grande guerreira mostrou-se firme e confiante em todos os seus atos, matando muitos dos seus inimigos mas, como vimos *foi vencida e morreu, como as outras que a haviam seguido: Clonia, Bremusa, Evandra, Thermordossa, Derione, Alcibia, Derimachia e mais quatro* (SAMPAIO, 1974, p. 191). Pentesileia simplesmente cumpriu com seu papel de rainha das amazonas e não teve medo em nenhum momento ao enfrentar “invencíveis” guerreiros. Na sua trajetória de luta e força, ficou registrada como uma das mais aguerridas mulheres da cultura grega. A morte da guerreira não representa um fracasso na história das amazonas, mas demonstra o quanto ela foi destemida e persistente nos grandes combates, transformando-se numa espécie de heroína perante todas as mulheres da Grécia e numa lenda que o mundo conhece.

Na epopeia *Eneida* de Virgílio, observamos a passagem impactante de uma jovem guerreira, a bela amazona Camila. Ela era uma espécie de amazona itálica e considerada a rainha dos Volscos. Nos cantos virgilianos, Camila assume um dos papéis centrais e mais influentes quando se junta à tropa de Turno, assim como descreve Bulfinch (2015, p. 269), *Camila, favorita de Diana, caçadora e guerreira, à feição das amazonas, chegou com seu bando de cavaleiros e alguns soldados de seu próprio sexo para se colocar ao lado de Turno*. A imagem e personalidade da jovem guerreira chamava a atenção de mulheres e rapazes, pois além de destemida preocupava-se em estar bem apresentável durante as preparações para o combate conforme os padrões femininos:

A aparição de Camila, ao terminar o catálogo das forças aliadas a Turno, é tão esplendente que causa assombro às mulheres e aos jovens que contemplam com admiração o seu manto de púrpura, descaído pelas costas, a fíbula de ouro a adornar-lhe os cabelos e o seu porte altivo no comando das tropas (TORRÃO, 1993, p. 5-6).

A virgem guerreira, filha de Métabo, é retratada como uma

mulher que está acima dos estereótipos concebidos ao seu gênero, isto é, Camila quebra a imagem de uma classe reprimida e inferior ao patriarcado e corrompe os valores de toda uma sociedade moralista. O ápice de ousadia da célebre guerreira é retratado nas grandes guerras como, por exemplo, no confronto dos rútuos e troianos, uma vez que *é no combate que esta figura vai receber maior lustre (ibidem, p. 6)*. A atuação de Camila na guerra em favor dos rútuos é impressionante: a jovem guerreira demonstra força e habilidades que superam os ataques de muitos jovens guerreiros da tropa de Eneias. Ela mostra-se imbatível a cada golpe e a cada lança que dispara em busca de uma vítima.

Assim como Pentesileia, a virgem guerreira também é atingida, ou seja, tem o destino marcado por um golpe mortal durante o combate:

Afinal, um etrusco chamado Aruno, que a observava há muito tempo, procurando uma ocasião propícia, viu-a perseguindo um inimigo fugitivo, cuja esplêndida couraça oferecia uma presa tentadora. Atenta apenas à perseguição, a virgem não percebeu o perigo que corria, e o dardo de Aruno atingiu-a e feriu-a mortalmente. Caiu e deu o último suspiro nos braços das donzelas que a acompanhavam (BULFINCH, 2015, p. 276).

A personagem Camila é, portanto, um dos principais nomes retratados e lembrados na história pelo fato de representar a força da mulher, a capacidade de combater e, sobretudo, pelo espírito de liderança ao comandar um exército constituído por homens e mulheres.

Após relatarem grandes acontecimentos em vista dos feitos heroicos das Amazonas guerreiras da Antiguidade Clássica, outros inúmeros relatos foram se formando ao longo do tempo, em diferentes continentes, envolvendo a existência de mulheres guerreiras que pensavam e agiam de modo semelhante ao das Amazonas.

AS ICAMIABAS

A lenda das Icamiabas remonta ao mito das Amazonas da Antiguidade. Quando começaram as primeiras navegações exploratórias pelos vales do rio Amazonas a partir do século XVI, surgiram inúmeros relatos de acontecimentos inusitados durante as

viagens: o encontro com mulheres guerreiras, por exemplo, chamara a atenção dos exploradores espanhóis.

Como sabemos, vários expedicionários estiveram pelas regiões do rio Amazonas e um dos mais destacados exploradores foi Francisco de Orellana que, em torno de 1542 percorreu a extensão do grandioso rio. Gaspar de Carvajal, cronista da expedição de Orellana, relata o histórico encontro com uma tribo de índias guerreiras, descrevendo as características e peculiaridades daquelas belas mulheres, destacando a dura luta que travaram contra os invasores:

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas na mão, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho.

Voltando ao nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor servido das forças e coragem dos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos e desbaratados, com farto dano de suas pessoas (CARVAJAL *Apud* KRÜGER, 2011, p. 214).

Os expedicionários ficaram admirados com tamanha bravura daquelas mulheres: suas habilidades com os arcos e as flechas eram surpreendentes e suas formas de guerrear se igualavam às dos índios ferozes. As descrições físicas das grandes guerreiras não passaram despercebidas aos olhos dos espanhóis, uma vez que se tratava de uma espécie de mulheres jamais vistas por eles. Esse encontro com as Icamiabas fez com que Orellana se lembrasse das mulheres guerreiras da Antiguidade e, por isso, resolveu denominá-las de Amazonas.

O termo “icamiabas” que quer dizer “mulheres sem marido”, era usado pelos índios para se referir às mulheres guerreiras e independentes que viviam em aldeias separadas e que mantinham uma estrutura social específica conforme suas ideologias de vida. A aproximação dos exploradores deixa claro que as nativas não permitiam a presença de homens em seus territórios e, por conta

disso, reagiam violentamente com suas flechas arrojadas nas embarcações dos viajantes. Gonzalo Pizarro também sofreu as consequências ao ultrapassar as fronteiras demarcadas pelas Icamiabas. Da mesma época de Orellana e às ordens da coroa espanhola, o explorador partiu em mais uma missão em busca de novas terras e novas riquezas. Durante as suas viagens houve muitas descobertas e grandes acontecimentos, dentre os quais destacam-se o encontro desagradável com índios ferozes e, logo em seguida, com a ilustre presença de mulheres guerreiras enfurecidas com a invasão dos expedicionários espanhóis:

Na sua tropa e dilatada viagem encontrou Pizarro vários obstáculos, e não foram os menores a imensidade de selvagens tapuias, que por vezes o assaltaram nos seus arraiaes, e ainda pretendiam impedir a navegação? Além dos mais lhe disputaram, a navegação e a viagem um exército de mulheres, que pelas alturas do Rio Trombetas lhe saíram ao encontro em inumeráveis canoinhas, feitas de cascas de árvores, jogando com destreza os seus arcos, e frechas, e pelejando com ânimo varonil; e posto que cederam as bocas de fogo dos arcabuzes, as que puderam escapar com vida, contudo mereceram por guerreiras o nome de Amazonas, com que os espanhóis as apelidaram, por serem em tudo semelhantes as antigas Amazonas do que fala Virgílio (DANIEL, 1976, p. 32).

Pizarro destaca o surgimento de mulheres guerreiras frente às suas embarcações disparando flechas e mais flechas contra ele e seus companheiros de viagem. É visível o nível de ousadia e bravura das Icamiabas durante o encontro com a tripulação de Pizarro assim como de Orellana. Equivalentes às Amazonas, muitas das suas guerreiras acabavam sendo mortas nos combates, como vimos no caso de Camila e Pentesileia. Notadamente, o espírito de superioridade estava inserido nos próprios discursos dos poetas e historiadores que narravam as aventuras dessas mulheres guerreiras:

Para Carvajal, mesmo com toda essa coragem e destreza, as “amazonas” eram inferiores aos espanhóis na arte da guerra. Embora cansados, famintos e feridos, os espanhóis dispunham de armas de fogo e contavam,

na visão do cronista, com outra grande poderosa arma, a superioridade da sua religião, o cristianismo, fazendo-os representantes de Deus naquelas paragens dos povos bárbaros, e que não os desampara (UGARTE, 2003, p. 13).

O sentimento ideológico acerca do mercantilismo e do cristianismo é nítido nos relatos dos viajantes durante a passagem pelo então desconhecido rio Amazonas. Mas, quando analisamos o possível encontro desses exploradores com mulheres guerreiras percebemos uma outra importante ideologia, o patriarcalismo. Por que será que importantes guerreiras eram mortas após desafiarem grandes guerreiros? Como relatam os historiadores, a “desobediência” contra o regime patriarcal geraria negativas consequências às mulheres que se destinavam a guerrear, pois, segundo eles, não seria possível mudar a ordem natural dos homens, a de superioridade, ou seja, as mulheres sempre seriam inferiores aos homens em todos os sentidos. Tais relatos desprestigiam a ousadia e a força tanto das Amazonas como das Icamiabas, ao imporem limites nas ações dessas grandes heroínas.

Em *Macunaíma*, Mário de Andrade destaca a figura das Icamiabas nas passagens em que o personagem Macunaíma, um indígena, chega a manter contato com algumas dessas belas mulheres, contato esse meramente sexual. Do mesmo modo que as Amazonas, as Icamiabas não deixavam de manter suas relações sexuais. Segundo os historiadores, embora não tivessem marido, uma vez por ano no lago Yaci Uaruá (Espelho da Lua), realizavam um ritual amoroso com o intuito de garantir novas descendentes, isto é, novas meninas que formassem uma geração de mulheres guerreiras. Sob a bênção da deusa Yaci, a mãe-lua, as belas guerreiras se juntavam aos índios Guacaris e ali acasalavam. Após a reprodução, as Icamiabas, como era de praxe, permaneciam apenas com as meninas entre elas, enquanto que os meninos eram entregues aos pais. Nessa sociedade, as meninas também eram influenciadas a aprender a executar algumas funções para se tornarem de fato verdadeiras índias guerreiras como, por exemplo, a utilizar os instrumentos de luta e de caça. No mito das Amazonas gregas, há versões em que as meninas passavam por um processo de remoção de um dos seios. Porém, isso não está explícito na lenda das Icamiabas, pois, *a versão mais aceita era que elas atavam o seio*

direito com uma faixa, parecendo assim que não tinham um dos seios, conforme explica a historiadora Rosane Volpatto.

O encontro dos espanhóis com as Icamiabas não foi de maneira nenhuma acidental, do mesmo modo como ocorrera no “descobrimto” do Brasil pelos portugueses: os expedicionários já teriam como propósito encontrar as tais mulheres guerreiras. Portanto, com as navegações realizadas por entre os vales do rio Amazonas e, em seguida, com o desagradável encontro com uma tribo de índias arqueiras, *os aventureiros tiveram confirmadas as informações que haviam recebido muito antes sobre um grande poder naquela zona, exercido pelas mulheres-guerreiras que, pelo jeito, não toleravam intrusos pelas proximidades...*(SAMPAIO, 1974, p. 21). Em todos os casos, os expedicionários referenciavam-nas às Amazonas e optaram por assim denominá-las. Desse modo, seriam as Icamiabas uma espécie de Amazonas guerreiras? Segundo os viajantes, tal denominação não contraria a ideia de que as índias guerreiras pertenceriam de fato a uma geração de Amazonas, criaturas da rainha Pentésilcia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao atravessarmos fronteiras e voltarmos no tempo, passamos a descobrir um pouco das nossas origens e das nossas identidades. Então, durante todo o percurso de estudos referentes ao conteúdo histórico e mitológico das mulheres guerreiras, Amazonas e Icamiabas, foi possível compreendermos não somente os fatores que ligam uma história com a outra mas, principalmente, foi uma forma de compreendermos as nossas raízes culturais e sociais.

Desse modo, é importante destacar que as tradições culturais dos caboclos parintinenses contêm um significado muito mais expressivo do que imaginamos, ou seja, as influências da cultura grega e romana marcam de alguma maneira grande parte das nossas manifestações culturais. A retratação das índias guerreiras nesta pesquisa é, portanto, uma das evidências mais concretas das heranças greco-romanas à Parintins assim que os expedicionários as denominaram amazonas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

T. Bulfinch, (2015). **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Trad. D. Jardim. Rio de Janeiro: Agir..

- G. Carvajal; A. Rojas; C. Acuña (1941). **Descobrimientos do rio das Amazonas**. Trad. anot. C. de Mello-Leitão. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Ed. Nacional, p. 11-79.
- P. Commelin (2011). **Mitologia grega e romana**. Trad. E. Brandão. São Paulo: Editora WMF Fontes.
- J. Daniel (1976). **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- M. Kury (2008). **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Zahar.
- M. F. Krüger (2011). **Amazônia: mito e leitura**. Manaus: Editora Valer.
- F. G. Sampaio (1974). **As Amazonas, a Tribo das Mulheres-Guerreiras**. São Paulo: Editora Aquarius.
- J. M. N. Torção (1993). **Camila, a virgem guerreira**. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- A. S. Ugarte (2003). “Margens míticas: A Amazônia no imaginário europeu do século XVI” in M. Del Priori; F. S. Gomes. **Os senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias**. Rio de Janeiro: Elsevier.



OS RITOS NOS FESTIVAIS: ORIGENS E FORMAS

Alexandre Lira Sá [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Este ensaio trata das origens e das formas dos ritos nos Festivais Folclóricos de Parintins. Por isso partimos dos pressupostos e das noções do que são os ritos, ao mesmo tempo, que enfatizamos as origens dos rituais nas festividades greco-romanas. As referências à Parintins se dá mais precisamente na competição dos bois no Bumbódromo e nas encenações que ali são realizadas. Consideramos que o espetáculo que acontece na arena do Coliseu Parintinense faz parte de um legado dos tempos festivos da Antiguidade. Pesquisas relacionadas às festividades e aos ritos foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho, citamos, por exemplo, Megale (2000), Santos (2010), Segalen (2002) e Dias (2009).*

Palavras-chave: Festivais. Ritos. Coliseu. Bumbódromo.

Os ritos manifestam-se a partir de qualquer forma de expressão artística, religiosa ou cultural. E assim passam a ocupar outros espaços em diferentes tempos como se houvesse uma